

O intercâmbio veterinario luso-espanhol

Conferência na Faculdade Veterinaria de Córdoba, por ocasião do Congresso luso-espanhol para o Progresso das Ciências

DR. JOAQUIN BARRADAS DE SILVA FIADEIRO

Profesor Catedrático da Escola Superior de Medicina Veterinaria de Lisboa

Intercambio, troca, permuta, palavras que servem para designar a circulação de valores materiais ou espirituais entre os indivíduos, ou entre as nações, só atingem o seu verdadeiro significado quando simultaneamente se dá e recebe, como se de moeda se tratasse.

Para a nossa cultura essa moeda é o livro, raras vezes são as próprias pessoas, que desempenham o papel de instrumento de troca, de moeda espiritual; e sob este aspecto nem sempre é troca que se verifica—ha a dádiva, a influência decidida, unilateral, de um que só dá e o outro recebe e assimila sem restituição, pelo menos imediata.

De resto, em materia de cultura isto não é de estranhar; ela transcende as fronteiras desde que nasce torna—se universal, o património espiritual de uma nação deixa de ser propriedade exclusiva—pertence à Humanidade.

No que se refere ao intercambio veterinário luso-espanhol, ele não foje à regra, e atravez dos séculos que nos separam da data da aparição das primeiras obras veterinárias da Península, assistimos à passagem de tres períodos distintos.

Num primeiro período, que se estende até à data da fundação das Escolas Veterinarias, a ciência veterinária em Espanha e em Portugal tem as mesmas características;—é a Alveitaria

peninsular, tradicional, sem distincão de fronteiras; é a Alveitaria hispanica, continuadora directa da veterinária mourisca, e se neste período algum predomínio existe, entre os reinos cristãos da reconquista, ele pertence de facto à alveitaria castelhana, pelo número e categoria dos seus representantes.

Durante este período ha de facto intercâmbio; embora o volume seja a favor de veterinária espanhola, que durante este período exerceu decidida influencia na sua congénere portuguesa; não obstante, houve obras e autores portuguesas que tiveram também o seu papel e a sua influencia em Espanha.

Num segundo período, ha um divórcio quasi completo; período que chamo de costas com costas, em que portugueses e espanhóis se ignoraram mutuamente, não obstante a Espanha ter contribuido com um dos primeiro quatro professores da Escola de Lisboa.

Finalmente, nos últimos trinta anos, o rejuvenescimiento da veterinária espanhola tem contribuido de uma maneira eficaz no alargamento da cultura veterinária portuguesa, pelo livro, original ou traduzido, pelas revistas, pelos congressos e excursos de estudo, comprendendo, finalmente, que o isolamente é estéril, sobretudo, como no posso em que uma origem comun, problemas afins e aspirações semelhantes, são im-

perativos de uma inteligente e decidida colaboração nos caminhos do futuro.

Analisemos cada um destes períodos.

1.º período

A História tem de ser baseada em documentos escritos, iconográficos, ou outros, que nos permitam reconstituir o passado.

Temos pois que remontar aos primeiros documentos que nos mostrem a entrada de obras científicas e que tenham exercido uma certa influencia no meio cultural do país.

Entre nós, portugueses, o documento veterinário mais antigo que se conhece, é um livro de Alveitaria escrito em 1518 pelo físico mor de D. Dinis (1261-1325), o mestre Giraldo.

Neste venerando documento o seu autor diz textualmente, que tendo sido encarregado pelo soberano de coligir e compor uma obra de Alveitaria em lingua portuguesa, traduziu e adaptou as obras dos autores de mais nomeada dessa época, citando JORDAO de CALÁBRIA (Jordannus Ruffus) e THEUDERIQUE (Theodorico).

A importancia científica de livro de Rufo e muito grande, pois constitue um dos códices mais difundidos durante a Idade Média, traduzido em varias linguas e representando expressivamente a elevada cultura que atingiu a corte de Frederico II da Sicilia.

Não é facil saber por que via o físico português teve dele conhecimento parecendo, contudo, que deveter sido uma cópia traduzida em latim, eu atravez do livro de Crescencio (Petrus Crescentius) que traduz Ruffus quasi literalmente; a hipotese assenta no facto das contínuas referências, no texto português às designações latinas.

É porém o livro de Teodorico que nos interessa. Que Theuderique seria? Teodorico de Lucca, Bispo de Cervia e filho ou discipulo de grande cirurgião bolonhês que foi Hugo Borgognoni, ou de Lucca, ou o seu homónimo catalão Lo Thederich, de que nos dão noticia os reverendos Quetif e Echard, e ainda Luis de Valladolid?

Frai Theodorico, afirma--nos Rodriguez de

Castro, viveu no século XIII, durante o reinado de D. Jaime I de Aragao, o Conquistador, tendo falecido em 1276; foi portanto contemporâneo do seu homónimo bolonhês (1205-1298) reputado cirurgião, como Hugo, inventor da esponja suporifera, forma primitiva de narcose, e do tratamento antiseptico das feridas por meio do vinho.

A' volta da personalidade destes dois Teodoricos e das suas obras, tem havido uma certa confusão que já em tempos procurei esclarecer «Frai Bernardo português e os Teodoricos que escreveram sobre alveitaria» Separata da Revista de Medicina Veterinaria - Lisboa 1938 - parecendo - me certa a conclusao a que cheguei, de considerar Frai Teodorico catalão, o único a quem se pode atribuir a autoria, ou, mais propriamente, tal vez, a tradução e adaptação latina de varias obras, entre as quais figuram os livros de alveitaria e de cetraria.

O livro de alveitaria atribuido a este autor, parece ser a tradução latina do livro de Rufo, não só por haver muita semelhança entre eles, a ponto de Mestre Giraldo dizer que lhe parece ser um tirado de outro, como, também, por se atribuirem ao catalão a versao latina de outras obras, entre elas o livro de falcoaria que se julga ser o mesmo que a primeira parte das três que constituem uma obra anónima, intitulada «Epistola Aquilas Symachi et Theodotionis ad Ptolomaeum regem Aegypti, de re accipitraria catalanica lingua».

Estas obras veterinárias, às quais se juntam outras de menos importância sobre a preparação do arsénico e das virtudes da água-ardente, constituem assim um trabalho de divulgação que cabe mais a um humanista, como seria Frai Teodorico, do que um técnico.

A versao latina do livro de Alveitaria a que estou fazendo referência, foi posteriormente traduzido em lingua catalã pelo aprendiz de cirurgia Galeno Correger, de Mayorca.

Seja como for, o que nos interessa aqui é o facto desta obra, original ou versao, da autoria do predicador de Valencia, ter sido do conhecimento de mestre Giraldo e contribuido, assim, para a feitura do primeiro livro escrito em português sobre assuntos veterinários. É, por tanto,

o elemento mais antigo que podemos considerar no que se refere ao intercambio veterinário luso-espanhol.

A sua chegada até nós, é mais um exemplo da influência provençal e trovadoresca que, com a vinda da princesa Isabel de Aragao, tanto contribuiu para o ambiente de cultura verificado na cõrte do Rei Lavrador, seu marido.

De facto, na companhia da nossa Rainha Santa Isabel e neta de D. Jaime, deviam ter vindo livros, poemas trovadores, jogaes, fidalgos e cortesãos, que de Aragao custodiavam a sua soberana e com ela ficaram em Portugal.

Posteriormente e em data ainda não determinada, aparece um outro elemento interessante para nosso ponto de vista: refiro-me á obra veterinária escrita em castelhano, da autoria de Frei Bernardo Português e que se encontra na Biblioteca Nacional de Madrid. São escassos os elementos de informação existentes ácerca deste codice; as referências de Gallardo, de García Pérez, Amador de los Ríos, Braulio Ramírez, etc. não nos permitem fazer uma idéa segura de valor científico da obra, pois apenas a curiosidade filológica levou aqueles autores a citar «Los siete libros del arte de la ciencia de albeiteria».

Tenciono agora aproveitar a minha estada em Espanha e a companhia amável de nosso illustre colega Sanz-Egaña, o moderno e proficiente historiador de veterinária espanhola, para consultar a obra do frade português.

Se nos falta a noção exacta do seu valor e senao se conhece qualquer influência por ela exercida na alveitaria peninsular, só podemos considera-la como um elemento comprovativo da identidade da cultura alveitaresca e da qualidade bi-lingue que muitos escritores portugueses de quinhentos e de seiscentos mostraram possuir.

Os autores que observaram a obra de Frei Bernardo consideram-na como tendo sido escrita no fim do século XV ou principio do XVI.

Além de alveitaria, ciência veterinária medieval exclusivamente aplicada aos solípedes, e designadamente ao cavalo, figura uma outra modalidade da arte veterinária aplicada às aves

de rapina utilizadas na caça de altanaria — e a cetraria.

A caça de altanaria foi o desporto por excellência das classes nobres, Reis, prelados e fidalgos da Idade Média, e deu lugar a numerosa bibliografia sobre o assunto, quer em tratados referentes apenas á arte da caça, quer juntamente, ou em separado, com o estudo da patologia, da medicina e da cirurgia dos falcoes, gaviões, nebris, tagarotes o quejandas rapaces usadas nesta modalidade de caça.

Tanto, ou mais, do que os livros de Alveitaria, estes tratados andavam de mão em mão, e entre os diferentes países havia a permula daqueles de maior nomeada. A Península não fugiu á regra e nas cõrtes de Leão, de Castela, Aragao, Portugal, etc., havia numerosos falcoeiros o cetreiros, cujas obras deram lugar a um verdadeiro intercambio, principalmente no tempo de Afonso, o Sabio, e Joao I de Castela, e de Dinis e D. Fernando, de Portugal. O próprio príncipe castelhano D. Joao Manuel, foi apaixonado caçador e autor de um livro de falcoaria, e com os espanhóis Johan de Sant-Faghund, Evangelista, Carcano, Jamarro, Vallés, Ayala, etc., a par dos portugueses Menino, Perdigo, Mendanha, cujas obras eram mais conhecidas entre os caçadores de altanaria.

Porém, de todos eles, interessam-nos especialmente dois, um castelhano, outro português, considerados como os melhores do seu tempo, de resto contemporâneos: PERO LOPEZ DE AYALA, chanceler de Castela, e PERO MENINO, falcoeiro de D. Fernando, de Portugal.

A obra do falcoeiro português é verdadeiramente notavel por se tratar de um trabalho exclusivamente médico, tratado completo de medicina e cirurgia dos falcoes, escrito, antes de 1585, em linguagem clara e objectiva.

Teve várias cópias, umas mais completas do que outras, e mereceu em Espanha, além das citações de Johan de Sant Faghund e Argote de Molina, a tradução castelhana feita no século XV por Gonzalo Rodriguez Escobar, volume manuscrito que fez parte de biblioteca particular dos Reis de Espanha. Ayala, Chanceler de Castela, ficou prisioneiro dos portugueses na batalha de Aljubarrota, e encerrado no castelo de

Óbidos, escreveu a sua obra «Libro de la caza de las aves e de sus plumages et dolencias et melecinnamientos», um dos mais notáveis e completos tratados de falcoaria, acabado de escrever em 1586, e que foi traduzido em português em 1566, fazendo parte da colectânea de Bispo D. Joao da Costa. Mais tarde, serviu de modelo à «Arte da caça de altanaria» impresso em 1616, e da autoria de Diogo Fernandez Ferreira, falcoeiro de D. António, Prior do Crato.

Entre as obras de Ayala, de Menino e de Ferreira, existem, contudo, afinidades que deram lugar a um devido exame comparativo, do qual resulta que a parte de patologia do «Libro de la caza» de Ayala, é uma tradução literal do livro de falcoaria de Pero Menino, seguramente mais antigo, e que a «Arte da caça de altanaria» de Ferreira, é uma cópia servil do livro de Ayala.

Os tratados de falcoaria e de cetraria podem pois ser considerados como um dos elementos mais interessantes de intercambio que se verificou durante os séculos XIV e XV.

A obra dos alveitares espanhóis, principalmente os dos séculos XVI e XVII, exerceu decidida influência na alveitaria portuguesa, a ponto de serem os tratados espanhóis correntemente seguidos e consultados entre nós. Desde Diaz a Calvo, la Reyna, Zamora, Lago, etc., os seus livros eram conhecidos dos alveitares portugueses, já por os consultarem directamente, já por de alguma, como do livro de Lago, ter havido traduções, e ainda por os próprios originais portugueses a eles, se referirem constantemente.

Isto não quer dizer que não existiam em português tratados originais sem sombra de adaptação e de reconhecido valor, mas mesmo nesses a influência espanhola é manifesta, o que não admira, pois temos de considerar a alveitaria espanhola como a forma mais perfeita e científica de veterinária da época que antecede a fundação das escolas.

De entre os originais portugueses merece especial referência a obra do médico de D. Joao IV, o Doutor Duarte Madeira Arraes, que escreveu no segundo quartel do século XVII um tratado de veterinaria intitulado «Hippiatrica Noticia» e que pode ser considerado a par das

melhores obras veterinárias mundiais. Trouxe algumas fotocópias desta notável obra que se conservou inédita e só por mim ha pouco tempo completamente descrita.

Nela, as referências aos autores espanhóis são também correntes, especialmente a Diaz e Andrada, cujas opiniões o Dr. Arraes muitas vezes segue, o que vem confirmar a importância que revestiu a alveitaria espanhola na cultura veterinária peninsular.

Durante os reinados comuns da dinastia Filipina, ha na cõrte de Castela um alveitar português que ascende a membro do Tribunal do Proto-albeytarato, e publica um notável volume de observações clínicas; refiro-me a Joao Alvaro Borges, de cuja vida e obra já se occupou o nosso illustre colega Sanz-Egaña.

O seu livro, «Práctica y observaciones pertenecientes al arte de albeyteria, en que se manifiesta el modo particular con que se deben curar las más graves causas que se pueden ofrecer en este Arte», publicado em Madrid no ano de 1680, constitue uma obra única na alveitaria peninsular, perfeitamente original, na qual se descreve, também, a composição e as indicações terapêuticas de uma mezinha de grande nomeada, a *untura forte*, tópicos revulsivos ainda hoje empregado, e por ele instituido em panacea.

Constitue Alvaro Borges, juntamente com o falcoeiro Pero Menino, os casos positivos em que a autores portugueses cabe uma influência peninsular na cultura veterinária antiga.

A terminar este periodo, coincide com a fundação da Escola Veterinária de Lisboa, a última manifestação objectiva dêsse intercambio peninsular. Fundada em 29 de Março de 1850, o corpo docente da nova Escola e formado por três dos quatro pensionistas que o governo português enviara para Alfort, e pelo veterinário espanhol D. Alfonso Olhero, diplomado pela antiga Escola de Madrid, e que ao tempo era Alveitar mor do regimento de cavalaria 3 do Exército português.

Ignoro detalhes de sua vida e da sua terra natal; conheço apenas uma vaga referência à sua linguagem biscainha— o que poderá ser uma indicação e sei que exerceu a sua actividade docente como professor de Parologia, até 1846,

ano em que foi jubilado, tendo falecido depois de 1860.

2.º período

O período que se estende desde a fundação da Escola de Lisboa, até ha cerca de duas dezenas de anos, pode considerar-se como perfeitamente morto, em materia de intercambio veterinário luso-espanhol.

A veterinária espanhola, a-pesar de mais antiga e numerosa do que a portuguesa, sofreu várias vicissitudes, e, principalmente, encontrou más condições de desenvolvimiento, no seu inicio, agravadas por medidas como as que resultaram das côrtes de Cadiz.

Em paralelo e concorrência com o protobeytarato, so muito tarde se desembaraçou deste elemento anacrónico, pela sua assimilação pela Escola, o que, juntamente com a existência de dois graus de ensino, de escolas livres e da diplomas falsos, muito contribuiu para o nivel social que teve, e para a escassa produção científica com repercussão no extranjeiro.

Com excepção de algumas obras de illustres catedráticos, como de Cazas, Sanpedro, Lazaro e Morcillo, e mais modernamente os trabalhos de Turró, Izcara e de Gallego, os mais conhecidos em Portugal, podemos dizer que a influencia da veterinaria espanhola foi muito reduzida entre nós, até às primeiras décadas d'este século.

Pelo lado da veterinária portuguesa, a reduzida frequência e o character exclusivamente militar dos primeiros tempos da Escola de Lisboa, fez com que só muito tarde apparecessem nomes que pelos seus livros e escritos nas revistas, permitissem o seu conhecimento.

A partir de meados de século XIX, a fusão que houve entre o ensino veterinário e agronómico, e que durou ainda alguns anos, e depois a comunidade de estudos até muito tarde, trouxe novas possibilidades de desenvolvimiento e de evolução, especialmente no sentido zootécnico, o que faltou em Espanha. A-pesar disso, contudo, os nossos velhos mestres são quasi totalmente desconhecidos, aqui, julgo eu, não obstante a elevada estatura científica de alguns, como o eminente zootecnista Silvestre Bernardo

Lima, o patologista José Maria Teixeira e João Inácio Ferreira Lapa, o verdadeiro criador do ensino agronómico, cujos trabalhos ficaram confinados ao nosso meio. Mesmo a época bacteriológica, precocemente instituida entre nós e com trabalhadores notáveis, como Paula Nogueira, Inácio Ribeiro, Roque da Silveira e tantos outros, não deram nomes conhecidos no estrangeiro, à excepção de Paula Nogueira, principalmente pela sua presença em congressos. E contudo muito poderíamos ter aproveitado se em vez de uma época de incompreensão, em que estivemos virados de costas, tivesse havido um intercambio que nos aproximasse.

Durante todo este período, de resto, a cultura francesa, nossa mestra e guia, atravessava e Espanha sem dela levar alguma coisa de seu.

São iguas passadas, e estas, diz um rifeiro da minha terra, *nao moem moinhos*. Hoje em dia as coisas caminham de modo diferente e ha que buscar na mutua compreensão e troca de idéias, a valorização e o aperfeiçoamento da veterinária peninsular.

Um dos grandes elementos de intercambio, são as revistas científicas; ora a nossa primeira revista veterinária, só começou a publicar-se em 1902 e as revistas espanholas de século passado, por muitas dispersas e mais profissionais do que científicas, pode dizer-se que eram quasi totalmente ignoradas no nosso meio.

Deve-se a essa falta uma das principais causas do desconhecimento havido durante este período.

3.º período

Durante as duas ou três últimas décadas, verifica-se um maior contacto entre a veterinária espanhola e portuguesa. En primeiro lugar, houve na veterinária espanhola um verdadeiro rejuvenescimiento, um período de actualização científica, para o qual muito tem concorrido a escola alemã.

A literatura veterinária espanhola é actualmente das mais enriquecidas, graças a livros novos, a traduções das principais obras germânicas, e conta com um mercado certo, não só em Portugal, onde o livro espanhol se está

vulgarizando, mas especialmente na América de Sul e Central.

Além disso, a veterinária espanhola possui algumas revistas que são recebidas com muito agrado no meio português; por outro lado, as visitas e excursos de estudo que ultimamente se fizeram, e é de desejar que possam ser retribuídas e continuadas em escala crescente, constituem outros tantos motivos de estreitamento das relações científicas.

Profissionais portugueses têm estagiado em estabelecimentos veterinários espanhóis, ainda há pouco, tendo terminado alguns o seu estágio; num curso de fecundação artificial e esterilidade dos animais domésticos, regido pelo meu colega, Prof. Neves e Castro, registou-se a presença de um colega espanhol; por ocasião da última exposição do ovinos realizada em Lisboa, um ilustre colega espanhol fez duas belas conferências sobre a ovinicultura.

Entre o Instituto de Biologia Animal de Madrid e os serviços veterinários oficiais portugueses, tem-se mantido uma excelente permuta de conhecimentos e de amizades, que certamente terão um resultado satisfatório no desenvolvimento das relações culturais.

As nossas actuais publicações científicas veterinárias, a «Revista de Medicina Veterinária», órgão da Sociedade Portuguesa de Medicina Veterinária; o «Boletim Pecuário» e o «Repositório de trabalhos do Laboratório Central de Patologia Veterinária», publicações da Direcção General dos Serviços Pecuários, do Ministério da Economia português, constituem elementos de informação que têm contribuído para divulgar em Espanha a actividade científica, que, nas ultimas décadas, se tem verificado na veterinária portuguesa.

São estes os elementos de intercambio que já se tem verificado, mas que, seguramente importa elevar a um nível superior e a uma intensidade maior, de forma a obter uma íntima colaboração profissional e científica, que nos é imposta pela comunidade de origem, comunidade de interesses e pela geografia.

O isolamento, assim nos indivíduos como nas nações, é estéril. Um impulso poderoso e indomável de colaboração entre os povos, deve

surjir depois da pavorosa hecatombe a que temos assistido, e se, no plano nacional, os interesses da comunidade sobrelevam os do indivíduo, o princípio também deve ser verdadeiro quando aplicado às nações, se um anseio de perfeição e de humanidade as norteia.

Mas sem deitarmos as nossas vistas para tão longe, vemos que ao pé de casa as coisas devem caminhar nêsse sentido, impostas pelas circunstâncias locais, resultando delas de haver problemas comuns a resolver, tão idênticos que se podem sobrepor e confundir.

E êsses problemas são comuns, porque temos uma raça comum de muitos centos de quilómetros, ao longo da qual as condições geográficas e mesológicas se duplicam; porque a nossa origem étnica, a nossa língua, os nossos costumes e tradições, são idênticos; e desta forma os problemas de um, afectam os do outro e vice-versa.

Espanhóis e portugueses, estamos vinculados à Península pelo Sangue e pela Terra; e sem que dessa fraternidade possa resultar a hegemonia política ou económica a favor de um, devemos concordar em que é necessário estabelecer em bases justas, uma ampla e decidida colaboração.

No campo veterinário os problemas da produção animal, da profilaxia das zoonoses e do comércio de animais e dos seus produtos, constituem aspectos que poem em evidência a necessidade dessa colaboração, que se pode resultar de um entendimento conduzido pelo intercambio a que me tenho referido.

Temos raças animais, cuja área de dispersão não conhece fronteiras; são assim os garranos luso-galicianos e o cavalo bético-lusitano; o nosso boi mirandês, que se estende por Castela; os bovinos e suínos do Alentejo, que se espalham por Cáceres, Badajóz, Huelva e Sevilha; o mesmo secedendo com os ovinos. Identidade de grupos étnicos, condições de habitat semelhantes, patologia igual, juntamente com factores sociais e psicológicos idênticos de um e do outro povo, criam a repetição dos problemas técnicos que se poem à veterinária de ambos os países.

De resto, e apenas comercialmente, as trocas

animais são freqüentes e por vezes maciças, quer para recria, quer para consumo, quer para reforma de piaras, o que só por si justifica a necessidade de um verdadeiro equilíbrio zootécnico peninsular, como objectivo a atingir numa futura época de entendimento o de mútua compreensão.

Se aos problemas de produção animal acrescentarmos os resultantes da necessidade de uma profilaxia conjunta para as moléstias infecto-

contagiosas e parasitárias dos nossos gados, verificamos que só um intercâmbio veterinário luso-espanhol permitirá assentar em bases sólidas e científicas a sua resolução.

Formulo ardentes votos para que assim suceda, e para que entre a veterinária portuguesa e espanhola se estreitem mais os laços científicos que as unem, e permitiram, num futuro próximo, a resolução dos problemas técnicos que se aprestam à veterinária peninsular.

